



Foucault, leitor de Nietzsche: A genealogia e o sentido histórico em curso ministrado na universidade de Vincennes (1969–1970)

João Pedro Azevedo Lima¹

Resumo: Em maio de 2024, publicou-se mais um volume de inéditos de Michel Foucault (1926–1984) até então muito aguardado: trata-se dos cursos e de alguns manuscritos inéditos nos quais o filósofo francês se debruça sobre a obra de Friedrich Nietzsche (1844–1900). Conforme Foucault afirmou em entrevista ao final de sua vida, o autor de *Zaratustra* e Martin Heidegger (1889–1976) foram os filósofos que ele mais leu, mas sobre os quais pouco escreveu. Isto posto, à luz desse material recém-publicado, o presente artigo objetiva demonstrar os principais aspectos da leitura que Foucault faz da filosofia nietzschiana em seu curso dado na Universidade de Vincennes, no qual aborda principalmente a questão da genealogia — no que concerne seu conceito e seu método — e do sentido histórico. Para tanto, adotar-se-á uma análise histórico-filológica, tal como pressupõem Colli e Montinari, a fim de demonstrarmos o modo que Foucault procede para uma leitura mais precisa e sistemática da genealogia de Nietzsche.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche. Michel Foucault. Genealogia. Sentido histórico.

La généalogie, c'est l'histoire telle qu'elle prend fonction dans le jeu entre instant et Éternel Retour (FOUCAULT, 2024, p. 22).

INTRODUÇÃO

Quando questionado sobre a relação entre história e filosofia em seu pensamento, especificamente de que modo tal questão adentrou no horizonte de sua reflexão, em uma de suas últimas entrevistas, datada de 29 de maio de 1984, Michel Foucault (1926–1984) responde do seguinte modo:

Heidegger sempre foi para mim o filósofo essencial. [...] Todo o meu devir filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger. [...] É provável que se eu não houvesse lido Heidegger, eu não teria lido Nietzsche. [...] [Eles] são, portanto, os dois autores que eu mais li. *Eu acredito que é importante ter um pequeno número de autores com*

¹ Mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br.

quem pensamos, com os quais trabalhamos, mas sobre os quais não escrevemos (FOUCAULT, 1994b, p. 703, grifo nosso).²

A título de ilustração, citemos outra passagem: no prefácio à primeira edição de *História da loucura* (1961), Foucault afirma que esse livro se inscreve “sob o sol da grande pesquisa nietzschiana” (1994d, p. 162). A referência a Nietzsche também aparece nas últimas páginas dessa mesma obra, em que, ao lado de nomes como Artaud, Hölderlin e Nerval, o filósofo alemão é citado como exemplo de autor no qual “linguagem e delírio se entrelaçam” (FOUCAULT, 1972, p. 554), e a partir dos quais a loucura passa a ser definida enquanto *ausência de obra*. Ora, nessa inscrição, torna-se evidente que o filósofo do martelo foi uma figura de primeira ordem em se tratando dessa arqueologia da loucura, e ele certamente foi uma influência, ou melhor, uma referência filosófica central para Foucault — seja em sua arqueologia do saber, seja em sua genealogia do poder —, mesmo que, em suas principais obras, Nietzsche apareça um tanto camuflado, ou mesmo como uma sombra que se pode identificar com uma leitura mais detida, mas que, à primeira vista, não se encontra facilmente perceptível.

Ademais, em entrevista concedida na ocasião da publicação de *Vigiar e punir* (1975), Foucault afirma que “Nietzsche é aquele que dá como objetivo essencial, [...] ao discurso filosófico, a relação de poder. Nietzsche é o filósofo do poder, mas quem chegou a pensar o poder sem se fechar ao interior de uma teoria política para fazê-lo” (FOUCAULT, 1994a, p. 753). A partir dessas citações, evidencia-se a presença, mesmo que pouco explícita, do autor de *Zaratustra* nas diversas fases da trajetória foucaultiana. Pode-se citar também certa semelhança no que diz respeito à forma de suas respectivas obras.

Decerto, tanto Nietzsche quanto Foucault apresentam, em certa medida, uma reflexão filosófica de caráter fragmentário. Comparemos, por exemplo, o “jovem Nietzsche” de *O nascimento da tragédia* (1872), e o “Nietzsche maduro” à época da publicação da *Genealogia da moral* (1887): vê-se distinções tanto conceituais quanto metodológicas. Nessa mesma direção, pode-se observar os sucessivos deslocamentos operados por Foucault no decorrer de sua trajetória intelectual: da constituição da medicina enquanto saber científico, como o faz em *O nascimento da clínica* (1963), à problematização do uso dos prazeres entre os gregos, exposta no segundo volume de sua *História da sexualidade* (1984).

Segundo Eribon (2011), as primeiras leituras de Foucault sobre Nietzsche datam ainda dos primeiros anos da década de 1950, período de seus anos de formação na École Normale Supérieure (ENS), quando também leu Kafka, Faulkner, Gide, Jouhandeau e Genet. Ora, não é de surpreender o fato de Foucault também ter se interessado, por volta do mesmo período, pela obra de três personagens centrais na recepção francesa de Nietzsche — estes três nomes “tutelares”, para nos utilizarmos da expressão de Revel (2019) —, Maurice Blanchot (1907–2003), Pierre Klossowski (1905–2001) e Georges Bataille (1897–1962), cuja influência

2 Todas as traduções de textos referenciados abaixo em línguas estrangeiras são de responsabilidade do autor.

é notável nos escritos de Foucault, sobretudo no que diz respeito àqueles dedicados à literatura. Segundo Macey (2019), essa aproximação a Nietzsche se deu em um contexto específico, quando Foucault progressivamente se afastava da fenomenologia, corrente filosófica hegemônica em seus anos de formação. Por conseguinte, a leitura tanto do autor de *Zaratustra* quanto de seus interlocutores em solo francês serviu para Foucault enquanto uma nova possibilidade para além do pensar fenomenológico. Em outras palavras, “é através da confrontação com Nietzsche que Foucault descobre sua maneira própria de filosofar” (HARCOURT, 2024, p. 337).

Apesar disso, até muito recentemente, havia sido publicado somente um único texto em que o filósofo francês tratava especificamente sobre a filosofia de Nietzsche: trata-se de “Nietzsche, a genealogia, a história”³, originalmente publicado em 1971, e republicado nos *Dits et écrits* (1994), compilado de artigos, entrevistas, conferências e introduções. Atualmente, graças ao minucioso trabalho crítico de edição e publicação de seus escritos inéditos⁴, que tem se realizado desde a edição dos já mencionados *Dits et écrits*, e continuou com a publicação — a partir de 1997 — dos cursos ministrados no Collège de France, temos acesso a alguns cursos e textos nos quais Foucault se debruça sobre o pensamento nietzschiano, reunidos no título *Nietzsche: cours, conférences et travaux* (2024), em edição estabelecida por Bernard E. Harcourt (1963–). Conforme o próprio editor sustenta na “situação” do curso, estes manuscritos publicados “devem ser considerados por eles mesmos, mas também por seu esclarecimento a respeito dos textos sobre Nietzsche que Foucault publicou em vida” (HARCOURT, 2024, p. 342).

Isto posto, para o presente trabalho, nos deteremos em um dos cursos presentes nesse volume, ministrado por Foucault na Universidade de Vincennes em 1969–1970, no qual trata fundamentalmente de duas questões: primeiro, acerca da *genealogia* — seus procedimentos, suas características, seu sentido —; segundo, sobre o conceito de *sentido histórico*, e como passa a se estabelecer, a partir de Nietzsche, a relação entre história e filosofia. Dada esta breve contextualização, tratemos de diferenciar a genealogia em Nietzsche e em Foucault, para em seguida passarmos às teses apresentadas por Foucault no curso supramencionado.

1 O HISTÓRICO E SENTIDO HISTÓRICO: APONTAMENTOS SOBRE A GENEALOGIA EM NIETZSCHE.

3 Ribeiro (2018) destaca que esse trabalho foi apresentado por Foucault em 1969, na ocasião da homenagem a Jean Hyppolite (1907–1968), falecido no ano anterior, e publicado no volume *Hommage à Jean Hyppolite*, em 1971. Nesse texto, a literatura secundária sobre Foucault costuma “datar a denominada guinada genealógica do pensar foucaultiano” (RIBEIRO, 2018, p. 127), a partir da qual ele se afasta do seu projeto arqueológico, até então em curso. Para mais, Cf. FOUCAULT, 1994c.

4 Conforme Chaves (2023, p. 31) ressalta, há uma dupla semelhança entre Nietzsche e Foucault, para além das aproximações propriamente filosófico-conceituais: primeiro, “a semelhança entre a publicação dos póstumos de Nietzsche e dos inéditos de Foucault no que diz respeito ao impacto provocado na interpretação de suas filosofias”; segundo, a existência dos arquivos de ambos os filósofos, fato que nos direciona, ou ao menos nos sugere, uma abordagem histórico-filológica de seus escritos, conforme já prescrito por Colli e Montinari, editores da *Kritische Studienausgabe* de Nietzsche.

Preliminarmente, é preciso realizar algumas distinções conceituais a respeito da genealogia, ou seja, de que modo Nietzsche a define, e de que modo Foucault a utiliza à sua maneira. Pode-se afirmar que, na filosofia de Nietzsche, a genealogia está posta de modo indissociável à sua crítica à moral e aos valores. Duas de suas obras são exemplares no que concerne a essa temática: *Além do bem e do mal* (1886) e *Genealogia da moral* (1888).

Na primeira, este “prelúdio a uma filosofia do futuro”, Nietzsche identifica que uma das principais características da metafísica é a crença na *oposição dos valores*, e argumenta contra tal aceção: deve-se duvidar que exista uma oposição absoluta nos valores populares (bem e mal, belo e feio etc.), os quais muito possivelmente “sejam mais que avaliações de fachada, perspectivas provisórias, talvez inclusive vistas de um ângulo, de baixo para cima talvez, ‘perspectiva de rã’” (BM, I, 2). Assim, Nietzsche busca demonstrar que a principal oposição metafísica, a saber, aquela entre bem e mal, pouco contribui ao engrandecimento do ser humano, ou melhor, em nada ajuda na superação da condição do último homem, aquele que ainda crê em valores (metafísicos): não por outro motivo que “o que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de homem, deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor” (JGB, I, 30).

Não obstante, é na *Genealogia da moral* que Nietzsche realiza sua genealogia⁵ dos valores, e a inicia a partir de uma crítica aos “psicólogos ingleses”. Eles seriam os filósofos utilitaristas, como John Stuart Mill (1806–1873) e Jeremy Bentham (1748–1832), aos quais Nietzsche atribui a primeira tentativa de realizar uma reconstituição da gênese da moral. Contudo, os utilitaristas falham nessa tarefa, pois procuraram o elemento decisivo para o desenvolvimento dos valores justamente no *hábito*, o que os impele na mesma direção, em um “inconfesso instinto de apequenamento do homem” (GM, I, 1). Buscar a origem dos valores a partir da noção de útil, a partir da simples fórmula “útil=bom”, é o ponto de vista “mais estranho e inadequado” (GM, I, 2) na tratativa dessa questão. Para Nietzsche,

[...] essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito “bom” no lugar errado: o juízo “bom” *não* provém daqueles aos quais se fez o “bem! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu (GM, I, 2).

Ademais, além de claramente se contrapor ao posicionamento dos utilitaristas em relação à gênese dos valores, atribuindo a um *declínio* dos valores aristocráticos — no que também chama de uma “*rebelião escrava na moral*” (BM, V, 195) — a verdadeira origem da

5 Conforme Foucault elucida na quarta lição do curso dado em Vincennes (1969–1970), por genealogia, especialmente nessa obra, há um uso sistemático do termo, que designa “a pesquisa de uma ‘origem’, de um começo” (2024, p. 63). Para fazê-la, Nietzsche retoma uma série de textos, como Nascimento da tragédia, Humano demasiado humano e A gaia ciência. Aqui, pode-se observar o aspecto filológico da abordagem de Foucault, pois ele irá comparar os usos que Nietzsche faz dos conceitos de Ursprung, Herkunft e Entstehung; certamente, vê-se que aquelas temáticas que Foucault desenvolve no artigo Nietzsche, la généalogie, l’histoire **já estão presentes em seus cursos.**

oposição entre bem e mal, *Nietzsche diferencia-se dos utilitaristas em relação à história*, questão capital tratada por Foucault no curso ministrado na Universidade de Vincennes ao final dos anos 1960.

Segundo Nietzsche, os utilitaristas ingleses — centro de suas críticas na primeira dissertação da *Genealogia* —, “todos eles pensam, como é velho costume entre filósofos, de maneira *essencialmente* a-histórica” (GM, I, 2). Conforme argumenta Machado, “os valores não têm uma existência em si, não são uma realidade ontológica: são o resultado de uma produção, de uma criação do homem: não são fatos, são interpretações introduzidas pelo homem no mundo” (2021, p. 84). Em outras palavras, os valores são históricos, e as valorações do que é bom e do que é mal são produto de determinado processo histórico: a transvaloração dos valores aristocráticos operada pela já citada rebelião valorativa dos escravos, no declínio dos valores afirmativos da vida, os quais Nietzsche também chama de moral dos senhores, caracterizada pela afirmação de si mesma.

A primeira é plena e afirmativa da vida, direciona os homens para o engrandecimento; a outra é decadente, nega a vida, enfraquece-a. Em síntese, “o objetivo fundamental da genealogia é realizar uma crítica radical dos valores morais dominantes na sociedade moderna” (MACHADO, 2021, p. 88), os quais seriam, ao fim e ao cabo, niilistas, isto é, valores que negam a vida, e, em sua *Genealogia*, Nietzsche identifica três principais formas de niilismo: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético⁶. Isto posto, passemos brevemente à exposição da genealogia de Foucault, para tratarmos de sua leitura do senso histórico em Nietzsche.

2 FOUCAULT, A GENEALOGIA E O PODER

Roberto Machado (2011), em sua introdução à *Microfísica do poder* (1978) de Foucault — deve-se frisar, não mais aquele Foucault centrado na arqueologia, mas sim aquele que se volta à questão do poder —, distingue o projeto arqueológico daquele que o sucede, o projeto genealógico. Para tanto, é preciso defini-los adequadamente. Na arqueologia do saber, Foucault volta-se à análise delimitada de alguns campos do saber: 1) a loucura, em *História da loucura* (1961); 2) a medicina, em *O nascimento da clínica* (1963); 3) as ciências humanas, em *As palavras e as coisas* (1966)⁷. Em todas essas obras, apesar de suas diferenças em relação à categoria de saber analisada, possuem uma mesma superfície de contato: em todas essas análises Foucault não se limita à análise discursiva, mas articula esses saberes delimitados

6 O presente trabalho não pretende tratar sobre cada uma dessas figuras do niilismo que Nietzsche apresenta no decorrer de sua *Genealogia da moral*, uma vez que essa temática é por si só extensa. Deixamos aqui duas indicações bibliográficas que acreditamos ser fundamentais e completas no que concerne ao estudo do niilismo em Nietzsche: Cf. ARALDI, 2004; Cf. VOLPI, 1999.

7 Em 1969, Foucault publica *A arqueologia do saber* — talvez seu escrito arqueológico menos lido —, obra em que se concentra em elucidar as questões metodológicas da arqueologia, e, precisamente por essa característica que não a mencionamos ao lado das demais obras arqueológicas, pois não se trata de uma análise arqueológica de determinado saber, mas sim de uma análise e determinação metodológica da própria arqueologia.

às instituições, como o manicômio, a escola, o hospital, a família. Segundo Machado, de um modo geral, a arqueologia limitava-se a responder “*como* os saberes apareciam e se transformavam” (2011, p. 11). A genealogia, contudo, parte sua problematização de outro ponto: o *porquê dos saberes*.

Conforme afirma Ansell-Pearson (1991) — acertadamente ao nosso ver —, para Foucault, não há uma definição substantiva do poder (*pouvoir*), pois seu foco analítico está no *exercício do poder*, nas formas como ele é exercido; não se trata de elaborar uma teoria global do poder, mas de empreender análises fragmentárias, descontínuas e transformáveis. Este trabalho pode ser observado sobretudo nos cursos que Foucault ministrou, de 1970 até 1984, ano de sua morte, no Collège de France. A grande novidade das análises genealógicas de Foucault diz respeito à compreensão de uma não-sinonímia entre o Estado e o poder, o que engendrou “um importante deslocamento com relação à ciência política, que limita ao Estado o fundamental de sua investigação sobre o poder” (MACHADO, 2011, p. 13).

Na primeira aula do curso *Em defesa da sociedade*, ministrado em 1976, Foucault delimita sua genealogia em oposição à concepção economicista do poder: tanto liberais quanto marxistas consideram que o poder é algo que se possui, tal qual se possui um bem. Em outros termos, considera-se que “um poder político [...] encontraria nos procedimentos de troca [...] o princípio de sua forma concreta e do seu funcionamento atual” (FOUCAULT, 2011, p. 273). Assim, Foucault propõe-se a fazer uma análise *não-econômica do poder*, perguntando-se sobre as formas de seu exercício e nas características de sua mecânica: o filósofo francês considera que “é preciso estudar o poder colocando-se fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal. *É preciso estudá-lo com base em técnicas e táticas de dominação*” (FOUCAULT, 2011, p. 289, grifo nosso), pois desse modo é possível compreender sua dinâmica nas sociedades disciplinares de modo mais adequado e completo.

Dadas essas considerações, vê-se o quanto se diferencia a genealogia da perspectiva nietzschiana daquela elaborada por Foucault; em concordância à leitura de Marton, pensamos que “talvez Foucault encare Nietzsche menos como objeto de análise do que como instrumento” (1985, p. 45), o que se torna evidente após a exposição já realizada até aqui. Deve-se destacar que Foucault foi um dos primeiros intérpretes a considerar a filosofia de Nietzsche enquanto teoria política, afastando-o por completo das distorções de sua irmã, realizadas no esforço de alinhá-lo aos ideólogos nazifascistas, ou mesmo enquanto precursor do mesmo. Nietzsche influencia o pensamento foucaultiano de diversas maneiras, mas destacaremos apenas uma, a qual consideramos principal para a temática que aqui propomos: para Foucault, o entendimento nietzschiano das forças foi uma base fundamental para escapar de uma analítica economicista do poder e elaborar uma microfísica do poder (ANSELL-PEARSON, 1991). Por fim, passemos ao sentido histórico, conforme Foucault o analisa no curso supramencionado.

3 “OS SENTIDOS, COMO O CORPO, TÊM UMA HISTÓRIA”: O SENTIDO HISTÓRICO

A fim de definir o sentido histórico, em sua significância e importância para Nietzsche, Foucault (2024) inicia seu curso a partir de uma indagação mais geral, partindo da reconstituição do entendimento nietzschiano do *conhecimento histórico*. Antes do próprio conhecimento histórico, há de se distinguir outras duas categorias: o não-histórico (*Unhistorische*) e o supra-histórico (*Überhistorische*).

O não-histórico é definido pelo fato de transitar apenas no instante, isto é, “sob o signo do esquecimento total e imediato” (FOUCAULT, 2024, p. 18): ele caracteriza a existência animal, uma vez que os animais, por conta de seus instintos, não podem romper com a imediatez de suas ações; tal distanciamento, para Foucault, é também o que define a existência humana. Além disso, o não-histórico opera enquanto uma espécie de *elemento neutro* em relação ao histórico (*Historische*), o que lhe confere três características: 1) ele faz-se necessário, pois é a partir do não-histórico que o histórico se torna possível; 2) ele deve ser restrito, na medida sua existência ilimitada conferiria ao homem uma existência tal qual a dos animais; 3) por fim, ele deve estar em posição dominante em relação ao histórico e em relação ao supra-histórico (FOUCAULT, 2024). Entretanto, Foucault admite que ajustar essas caracterizações não é uma tarefa simples, mas pensa que elas podem se equilibrar, pois “sem dúvidas ele é o *dionísio*” (FOUCAULT, 2024, p. 19, grifo nosso). Em seguida, define-se o supra-histórico: não se trata de um elemento simétrico em relação ao anterior, mas sim de um *ponto de vista do conhecimento*, no qual não se diferenciam o passado do futuro; e “pelo fato que o ponto de vista supra-histórico deve ser considerado como ponto de vista do último instante da história sobre a história” (FOUCAULT, 2024, p. 19). Enfim, pode-se introduzir agora o que se compreende por *histórico*, que se caracteriza por intermediar o não-histórico e o supra-histórico. Essa mediação, para Foucault, possui funções precisas, que são comparadas metaforicamente pelo filósofo francês à luz: “[o histórico] aparece como o que deve atravessar o não-histórico como uma luz” (FOUCAULT, 2024, p. 20), e o faz de três modos. Primeiro, deve limitá-lo; segundo, ele apropria-se daquilo que foi vivenciado pelo não-histórico; por último, e talvez o mais importante, ele deve permanecer à serviço da vida (*Leben*). Isto posto, Foucault passa às suas considerações sobre o sentido histórico.

No início da segunda parte da primeira lição do curso dado em Vincennes, Foucault argumenta que Nietzsche, a partir de sua *Segunda Extemporânea* (1873/74), começou a tratar cada vez mais frequentemente sobre a história e sobre o sentido histórico enquanto ciência, e nos indica algumas passagens de suas obras em que o autor de *Zaratustra* aborda essas questões: “*Aurora* §307; *A gaia ciência* §337; *Além do bem e do mal* §223–224 [...]” (FOUCAULT, 2024, p. 22–23). Na *Segunda Extemporânea*, esse diagnóstico da cultura de seu tempo, identifica que “o que está em questão é o valor (a utilidade) ou o não valor (a desvantagem) da história para a vida; *trata-se, portanto, de uma investigação acerca do significado do sentido histórico*” (JULIÃO, 2022, p. 33, grifo nosso). Para expor a questão posta em debate, Foucault (2024, p. 23–28) faz quatro perguntas, sobre as quais trataremos tal qual se encontram expostas no curso supramencionado:

1) O que é o sentido histórico em oposição à história?

O sentido é o que anima os historiadores em sua curiosidade e prática: ele é a condição de possibilidade da história mesma. Contudo, mesmo o sentido histórico possui uma história, que Nietzsche identifica como uma história bem recente: “o encontramos somente na Europa; [...] [e] ele só apareceu no século XIX”, e aparece, nessa análise, como o “elemento diferencial da Europa moderna” (FOUCAULT, 2024, p. 23). Por conseguinte, o sentido histórico é justamente a condição “ele é o *elemento genealógico* que permite fazer a história e a crítica da ciência” (FOUCAULT, 2024, p. 24).

2) De onde vem e como se forma esse sentido histórico?

Segundo Foucault, para Nietzsche, era preciso que deixássemos que “nossa civilização saia [de] seu alto estado de cultura” (FOUCAULT, 2024, p. 24), pois a única forma de *diferença* que se pode conhecer nesse estado é ignorá-la. A história, em relação à alta cultura, é *degradada*, ela recai na barbárie. Entretanto, em nosso tempo, não se trata mais da mesma barbárie dos germânicos e godos às portas do Império Romano: trata-se de uma *semi-barbárie*. Em outros termos, para Nietzsche, “a história humana [...], ao invés de marchar rumo a um evolutivo progresso para o melhor, tal como preconiza a racionalidade moderna, acaba por caminhar para um processo de degenerescência e enfermidade rumo ao nada” (JULIÃO, 2022, p. 28). Assim, pergunta-se:

3) Quais são os perigos desse sentido à semi-barbárie?

De acordo com a leitura de Foucault, a principal ameaça que ela nos impõe é a própria denegação de nós mesmos:

Assim, o ascetismo cristão [não esqueçamos da terceira dissertação da *Genealogia da moral*, dedicada ao ideal ascético], a totalidade hegeliana e a vontade de Schopenhauer aguardam o significado histórico e distorcem-no imediatamente. Foram necessários os séculos da Idade Média e da Reforma de Lutero para digerir a barbárie dos alemães e dos godos; talvez levemos alguns anos até que a semi-barbárie da história, longe de dar origem a uma cultura elevada, seja perfeitamente reduzida à não-cultura cristã, estatal e democrática (FOUCAULT, 2024, p. 26).

4) Como fazer com que a semi-barbárie dê lugar à alta cultura?

Por fim, Foucault argumenta que Nietzsche evoca numerosas vezes essa possibilidade, — esse é um dos maiores desafios de sua filosofia —, porém, não chega a nos apresentar uma solução definitiva e unívoca. No entanto, Foucault (2024) enumera quatro possibilidades a partir das quais esse sintoma de nossa enfermidade (a semi-barbárie de nosso tempo) pode retornar enquanto seu contrário, isto é, enquanto alta cultura: 1) a paródia e as máscaras; 2) a farmacopeia; 3) a experiência sobre nós mesmos; 4) e o corte e a doação. Cada uma dessas possibilidades corresponde a um escrito de Nietzsche, a saber, respectivamente, *Além do bem e do mal*, *O viajante e sua sombra*, *Humano demasiado humano* e *A gaia ciência*. Foucault

não desenvolve exaustivamente essas quatro possibilidades: devemos nos lembrar que não se trata de um artigo ou manuscrito de livro, mas das anotações apresentadas ao longo do curso, no qual certamente o filósofo desenvolveu mais detidamente cada um desses pontos. Como conclusão dessa primeira lição, Foucault resume que “o sentido histórico teria por objetivo fazer reaparecer o que é não-histórico *na* história. [...] o que deve ser repetido não é a consciência histórica sobrepondo-se constantemente; mas, pelo contrário, o que é não-histórico” (FOUCAULT, 2024, p. 29).

CONCLUSÃO

No decorrer do nosso trabalho, buscamos demonstrar, primeiramente, as semelhanças e distinções entre a genealogia de Nietzsche a genealogia de Foucault. Em síntese, pôde-se observar o quanto a leitura de Foucault da filosofia nietzschiana foi determinante no desenvolvimento de suas elaborações teóricas, o que não se limitou apenas à sua genealogia do poder, mas que já aparece, mesmo que de modo esvanecido, no projeto de uma arqueologia do saber. Conforme afere ao final de uma entrevista concedida em 1975, Foucault considera que, “se fosse pretencioso, daria como título geral ao que faço ‘genealogia da moral’” (FOUCAULT, 2011, p. 232). Sobre esta questão, em síntese, Ansell-Pearson afirma que “o grande significado da leitura de Nietzsche por Michel Foucault é que ele é o primeiro a levar a obra de Nietzsche a sério [no que concerne à] teoria política” (1991, p. 268).

Isto posto, a publicação de manuscritos até então inéditos permite a nós, pesquisadores e leitores de Foucault, ver claramente o que até então era possível apenas em visita aos Arquivos Foucault, localizado no departamento de manuscritos da Biblioteca Nacional da França. O constante esforço de edição e publicação desses textos é fundamental, e enriquece consideravelmente o *corpus* da obra foucaultiana. Logo, a partir da análise aqui proposta, e a partir do curso ministrado em Vincennes, é possível observar de que modo Foucault foi um profundo conhecedor da obra nietzschiana, e, a partir de sua cuidadosa leitura filológica, pode-se identificar a importância de Nietzsche — quem “chegou a pensar o poder sem se fechar, no interior de uma teoria política” (FOUCAULT, 2011, p. 233) — na elaboração dos princípios da genealogia.

REFERÊNCIAS

- ANSELL-PEARSON, Keith. The significance of Michel Foucault's reading of Nietzsche: Power, the subject, and political theory. *Nietzsche-Studien*, v. 20, s. n., p. 267–283, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110244397.267>. Acesso em: 10 set. 2024.
- ARALDI, Clademir Luís. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.
- CHAVES, Ernani. Nos arquivos de Foucault: Sobre a gênese de “Nietzsche, a genealogia, a história”. *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 14, n. 2, p. 29–45, dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/en.v14i2.43696>. Acesso em: 10 set. 2024.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. 3. ed. Paris: Flammarion, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Entretien sur la prison : le livre et sa méthode. FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II: 1970–1975*. Paris: Gallimard, 1994a, p. 740–753.

- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.
- FOUCAULT, Michel. Le retour de la morale. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits IV: 1980–1988*. Paris: Gallimard, 1994b, p. 696–707.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche: Cours, conférences et travaux*. Paris: EHESS; Gallimard; Seuil, 2024.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II: 1970–1975*. Paris: Gallimard, 1994c, p. 136–156.
- FOUCAULT, Michel. Préface. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I: 1954–1969*. Paris: Gallimard, 1994d, p. 159–167.
- HARCOURT, Bernard E. Situation. In: FOUCAULT, Michel. *Nietzsche: Cours, conférences et travaux*. Paris: EHESS; Gallimard; Seuil, 2024, p. 335–388.
- JULIÃO, José Nicolao. As considerações de Nietzsche sobre o sentido histórico nos textos juvenis. *Dissertatio*, Pelotas, v. 55, s. n., p. 23–44. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/dissertatio.v55i0.21319>. Acesso em: 10 set. 2024.
- MACEY, David. *The Lives of Michel Foucault*. 2. ed. London: Verso, 2019.
- MACHADO, Roberto. Genealogia da moral e vontade de potência. In: MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro; São Paulo: 2021, p. 83–106.
- MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 07–34.
- MARTON, Scarlett. Foucault leitor de Nietzsche. In: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 36–46.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- REVEL, Judith. Introduction. In: FOUCAULT, Michel. *Folie, langage, littérature*. Paris: Vrin, 2019, p. 7–26.
- RIBEIRO, Carlos Eduardo. Nietzsche, a genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os corpos. *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 39, n. 2, p. 125–160, mai/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422018v3902cer>. Acesso em: 10 set. 2024.
- VOLPI, Franco. *O niilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

João Pedro Azevedo Lima é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com pesquisa sobre a experiência trágica da loucura em Hölderlin a partir de Michel Foucault, financiada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É bacharel em Filosofia pela mesma instituição, e desenvolveu pesquisas de sobre o pensamento de Nietzsche, explorando temas como o eterno retorno, o mal, a genealogia e sua recepção, sobretudo no contexto francês, em autores como Georges Bataille e Pierre Klossowski. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9009-452X>. E-mail: joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br.

Endereço: Rua Augusto Correa 1, Belém, PA.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Me. Gustavo Luiz Cardoso Mendes / Prof. Rogério Giovani Soares Ferreira